

LANGUAGE ACQUISITION E LANGUAGE LEARNING: A TEORIA DE STEPHEN D. KRASHEN E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Paulo Bruno da Silva Oliveira (Faculdade Atlântico)

1. INTRODUÇÃO

A teoria proposta por Stephen D. Krashen é, sem sombra de dúvidas, de grande importância para a compreensão do processo ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira e/ou segunda língua, para que possamos entender como as línguas são aprendidas. A popularidade de suas proposições faz com que inúmeros teóricos tomem o seu modelo como base para suas teorias e criação de novos métodos e abordagens de ensino mais eficazes. O método natural de Krashen e Terrel, fortemente vinculado por escolas e cursos de idioma durante os anos 80, é um exemplo da grande influência desta teoria.

Na primeira parte deste artigo apresentaremos a distinção entre os termos Aquisição (Acquisition) e Aprendizagem (Learning), ponto central da teoria de Krashen, e as hipóteses da ordem natural, do input, do monitor e do filtro afetivo. Citaremos algumas das contribuições deste modelo para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Na segunda parte traremos o método natural, que obteve grande popularidade na década de 80 e que se fundamenta no modelo proposto por Stephen Krashen.

Por fim, concluiremos discutindo qual deve ser o papel do professor de língua estrangeira, a luz da teoria de Krashen – O professor como provedor de input compreensível e suficiente e criador de um ambiente de baixo filtro afetivo, propiciando a aquisição.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1 A DISTINÇÃO ENTRE ACQUISITION E LEARNING:

A distinção entre os termos aquisição e aprendizagem, por vezes, pode ser mal interpretada e estes termos tomados como sinônimos. No entanto, para Krashen, aquisição e aprendizagem de uma língua estrangeira são fenômenos bem distintos e que possuem finalidades e mecanismos diferenciados. Um processo independe do outro. “Aprendizagem não gera, não se transforma em aquisição” (CARIONI, 1988, p. 51).

Podemos entender aquisição (language acquisition) como sendo um processo subconsciente, ou seja, o indivíduo não tem conhecimento de estar adquirindo uma língua uma vez que a “aquisição é o desenvolvimento informal e espontâneo da segunda língua, obtido normalmente através de situações reais” (LEFFA, 1988, p. 212). A interação e a “necessidade de comunicação enquanto impulso vital” (CARIONI, 1988, p. 51) tem papéis fundamentais para o pleno desenvolvimento da competência comunicativa. Por outro lado, não se faz necessário, para a aquisição, que se tenha conhecimento das regras e estruturas da língua-alvo. A correção de erros parece não ter efeito sobre a aquisição. Neste caso, a correção se dá de forma intuitiva, pelo “*feeling*” da língua. “Os alunos normalmente não estão cientes do fato de que estão adquirindo uma língua, mas estão, apenas, cientes do fato de que estão usando a língua para comunicação”¹ (KRASHEN, 1982, p. 10). Ainda segundo o autor, este processo se desenvolve de maneira muito similar, mas não idêntica, à forma como crianças adquirem a língua materna, ou seja, segundo uma ordem. Ao contrário de algumas teorias, que defendem que adultos podem apenas aprender uma segunda língua, Krashen diz que adultos também adquirem, chegando a alcançar níveis de fluência bem próximos aos dos nativos.

A aprendizagem (language learning), diferentemente da aquisição, é um processo consciente, isto quer dizer que há a clara explicitação de regras, realimentação e correção de erros, geralmente ligado à abordagens tradicionais, contexto geralmente visto em salas de aula. Schütz, com muita propriedade, define o processo de aprendizagem como: “receber informações a respeito da língua, transformá-las em conhecimento através de esforço intelectual e acumular este conhecimento pelo exercício de memória” (SCHÜTZ, 2006). Neste caso, o conhecimento da gramática, suas regras e exceções, é fundamental – “aprendizagem significa saber as regras, ter consciência delas, pode falar sobre elas[...]” (CARIONI, 1988, p. 51).

A partir da distinção destes processos, poderemos entender as outras quatro hipóteses, formuladas por Krashen, que se relacionam diretamente com os fenômenos de aquisição e aprendizagem, os complementam e tornam o seu entendimento ainda mais claro.

2.2 A HIPÓTESE DA ORDEM NATURAL:

Segundo Krashen, a aquisição da segunda língua segue uma ordem natural, diferente da utilizada na escola, e previsível que, embora se assemelhe a ordem em que as crianças adquirem a língua materna não é idêntica. Certas estruturas gramaticais são adquiridas mais cedo, outras mais tardiamente. No entanto, esta ordem não é definida pela complexidade destas estruturas.

Apesar do conhecimento da ordem natural de aquisição, Krashen não aconselha o seguimento desta ordem no ensino, o sequenciamento das regras em função do tempo em que estas são adquiridas pode diminuir a quantidade do input compreensível que será fornecido aos alunos.

Nesta hipótese é discutida a importância do erro para a aquisição de uma língua estrangeira, uma vez que os processos de aquisição da língua materna e da segunda língua se assemelham é de se imaginar que os erros façam para deste processo, para quem adquire uma nova língua assim como para uma criança adquirindo a língua materna.

2.3 A HIPÓTESE DO INPUT:

Para que haja aquisição de língua, é necessário o recebimento de novas informações linguísticas e que estas informações sejam compreendidas. Assim, o *input*, informação linguística, recebido deve corresponder à fórmula $i + 1$, onde i é o nível atual do “adquirente” (CARIONI, 1988, P. 60) e 1 equivale a novos dados que vão um pouco além deste conhecimento. “Como nós podemos compreender língua que contém estruturas que nós ainda não adquirimos?”ⁱⁱ (Krashen, 1982, p. 21). É através de $+1$ que

o indivíduo consegue passar de um estágio a outro mais avançado de aquisição. É, também, através de elementos que vão além de nossa capacidade linguística como o contexto, elementos extralinguísticos e o nosso conhecimento de mundo.

Assim, a questão como aprendemos/adquirimos uma língua estrangeira é respondida em sua hipótese do input: **input – processing – output**, sendo, como anteriormente já mencionado, o **input** a informação linguística recebida; o **processing** o processamento, a compreensão, desta informação e o **output**, a produção oral do indivíduo, após a informação ter sido assimilada.

Visando uma aquisição mais eficiente, alguns pré-requisitos de um ótimo **input** devem ser satisfeitos. O primeiro destes é a compreensibilidade do **input**, ou seja, a mensagem transmitida deve ser entendida para que haja aquisição. A informação transmitida deve conter **i + 1**, caso contrário não haverá aquisição e todos os esforços nesses sentidos serão em vão. Este **input** deve, também, ser relevante ou interessante, pois “o input ideal é aquele que faz com que o adquirente ‘esqueça’ que está recebendo uma mensagem numa outra língua” (CARIONI, 1988, p. 60).

Outra característica de um ótimo **input** é o não sequenciamento. Partindo do pressuposto de que o processo de aquisição segue uma ordem natural, um erro muito comum é tentar deliberadamente sequenciar esse **input**, formas adquiridas mais cedo são expostas aos alunos em estágios iniciais, enquanto as comumente adquiridas mais tarde são deixadas por último, desconsiderando, assim, completamente a individualidade, pois “é muito improvável que tenhamos dois alunos numa mesma turma em um mesmo estágio linguístico, isto é, que sejam iguais em *i*” (CARIONI, 1988, p. 54). O input deve, ainda, ser fornecido em quantidade suficiente para que o indivíduo possa alcançar melhores resultados.

2.4 A HIPÓTESE DO MONITOR

O monitor funciona como um dispositivo que ajuda na edição e correção dos enunciados. Mas para tanto três condições devem ser encontradas: o tempo – deve ser suficiente para que o indivíduo pense, ponha uma regra em prática e faça as correções necessárias; o conhecimento consciente das regras gramaticais, da língua-alvo, e

Krashen deixa isso bem evidente quando diz que: “aprendizagem tem apenas uma função e esta é como um monitor, ou editor”ⁱⁱⁱ (KRASHEN, 1982, p. 15) e foco na forma. É com base neste conhecimento que o indivíduo constrói o repertório para a autocorreção, sempre que haja a necessidade.

No entanto mesmo que essas três condições sejam encontrada o pleno funcionamento do monitor na pode ser garantido. O seu uso de forma incorreta, por parte do indivíduo, pode comprometer o monitor. Teremos, então, variações individuais do uso do monitor e o que Krashen chama de **Over-users**: o indivíduo que se corrige constantemente, mesmo durante a fala, extrapolando o uso do monitor e impedindo a sua fluência durante a comunicação; e **Under-users**: indivíduos que, por sua vez, deixam de utilizar o monitor por desconhecerem as regras da língua, na qual estão se comunicando, ou por preferirem não usar o conhecimento consciente.

Há, ainda, um terceiro tipo de uso do monitor - **Optimal monitor users**: indivíduos que usam o monitor de forma correta, preenchendo as lacunas da língua adquirida inconscientemente com o conhecimento aprendido sem, no entanto, comprometer a comunicação.

2.5 A HIPÓTESE DO FILTRO AFETIVO

Nesta hipótese Krashen leva em consideração fatores externos ao dispositivo de aquisição, mas que possuem grande importância para esse processo. São fatores emocionais e atitudinais como motivação intrínseca, ansiedade e autoconfiança que podem contribuir para a aquisição.

Este é um ponto de grande relevância, a saber: o papel que fatores atitudinais, emocionais e ambientais desempenham na aquisição de língua, através da construção de um baixo filtro afetivo. Indivíduos autoconfiantes, motivados em um ambiente relaxado tendem a ter um baixo filtro afetivo e atitudes positivas que os permitiram um melhor desempenho na aquisição de uma língua estrangeira. Assim como o oposto, indivíduos desmotivados, sem autoconfiança e ansiosos em um ambiente que propicie tais atitudes, pode bloquear a aquisição ou fossilizá-la em um determinado estágio.

3. O MÉTODO NATURAL

O método natural (Natural Approach) foi desenvolvido no final da década de 70 por Stephen Krashen e Tracy Terrell (Krashen & Terrell 1983) baseado no modelo proposto por Krashen. Este método visa desenvolver a aquisição de língua, pois segundo os autores a aquisição aparenta melhores resultados para aprendizes iniciantes.

O título “natural” deve-se ao fato de que o processo de aquisição, como vimos anteriormente, segue uma ordem natural.

Neste método, o professor fala apenas a língua alvo, dentro da sala de aula. Nos estágios iniciais da aprendizagem eram utilizadas atividades de TPR (Total Physical Response), atividades que exigem que o aluno cumpra ordens dadas pelo professor (ex: Sit down, Stand up), para promover o recebimento da maior quantidade de input compreensível possível. A função do professor era a de possibilitar este recebimento.

Os alunos não eram obrigados a falar até se sentirem aptos a isso. “A fala deve surgir naturalmente, sem pressão do professor” (LEFFA, 1988, p. 224). Era o chamado período silencioso (Silent Period). Este foi um dos pontos mais atacados deste método, pois este período de silêncio poderia estender-se além do necessário não havendo estímulo para a comunicação.

4. CONCLUSÃO:

Ao longo de sua teoria podemos entender como Krashen molda o professor e o papel que este deve desempenhar no ensino de uma língua estrangeira. O papel de provedor de input compreensível, preocupando-se, também, em fornecer quantidades cada vez maiores desse input. O professor que cria e mantém um ambiente de baixo filtro afetivo, encorajando a participação dos alunos nas aulas através de atividades interessantes, recebendo **feedback** a cerca da evolução dos mesmos e estimulando a comunicação professor-aluno e aluno-aluno utilizando a língua-alvo.

A cada hipótese fica mais evidente a responsabilidade do professor em fornecer as condições adequadas aos seus alunos facilitando ao máximo a aprendizagem de uma língua estrangeira, e mais que isso transformar aprendizagem em aquisição.

Outro ponto ao qual o professor deve estar atento é a individualidade de cada um de seus alunos. O fornecimento de input deve ser feito de maneira à contemplar todos, motivando a socialização do conhecimento e possibilitando a aquisição através da troca de experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARIONI, Lilia. Aquisição de segunda língua: a teoria de Krashen. In: BOHN, H.; VANDRESAN, P. **Tópicos de linguística aplicada**. Florianópolis, 1988.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in Second Language Acquisition**. Oxford, 1982.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H.; VANDRESAN, P. **Tópicos de linguística aplicada**. Florianópolis, 1988.

SCHÜTZ, Ricardo. **Assimilação Natural x Ensino Formal**. English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Online. 22 April 2010. Visitado em 30/10/2010

NOTAS

ⁱ Tradução nossa. Do original: “Language learners are not usually aware of the fact that they are acquiring language, but are only aware to the fact that they are using language for communication”.

ⁱⁱ Tradução nossa. Do original: “How can we understand language that contains structures that we have not yet acquired”.

ⁱⁱⁱ Tradução nossa. Do original: “Learning has only one function, and that is as a Monitor, or editor”.